



Nordeste



GILBERTO FREYRE

g



Resumo de Nordeste

Muito diferente da imagem que a maior parte dos brasileiros tem da região, o Nordeste, de Gilberto Freyre, é uma terra de fartura, de águas abundantes, "onde nunca deixa de haver/ uma mancha d'água:/ um avanço de mar, um rio, um riacho,/ o esverdeado de uma lagoa", como no poema de Carlos Pena Filho.

Classificado pelo autor como "tentativa de ensaio ecológico", o livro retrata aquela região agrária do Nordeste que, segundo Freyre, "foi, por algum tempo, o centro da civilização brasileira". O outro Nordeste, mais conhecido pelos brasileiros, foi estudado por um outro escritor, Djacir Menezes.

O Nordeste de Gilberto Freyre é o da região da monocultura da cana, sustentada pelo braço escravo, dos grandes senhores de engenho, patriarcais, de voz áspera, cujos gritos faziam tremer crianças e mulheres, mandões, ligados à terra, aos bichos, à vegetação, "o tipo mais puro de aristocrata brasileiro".

Uma aristocracia quase feudal, de hábitos requintados, que sabia recepcionar, lia livros e revistas, cultivava a música em pianos. Cada propriedade era um mundo à parte, autossuficiente, dirigido pelo pater famílias, como um pequeno império.

Ali, modelada pela cana-de-açúcar, surgiu uma civilização original, hábitos muito peculiares, uma cozinha riquíssima em doces e comidas açucaradas, que levavam ao delírio as sinhás e os meninos, luxo nos trajes, excesso de joias nas mulheres, uma atividade sexual desregrada, que os molecotes exibiam, escandalizando os moralistas.

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)